

Versão Oficial – TIM MAIA

F69

ESTÚDIO F - programa número 69

ÁUDIO

TEXTO

Música-tema entra e fica em BG;

Locutor - A Rádio Nacional apresenta
ESTUDIO F,
Momentos Musicais da Funarte

Apresentação de Paulo César Soares

Paulo César : - Alô, amigos! No programa de hoje, um compositor e intérprete tijucano que incorporou o funk e o soul à música brasileira, criando um estilo único que o tornou um dos mais populares artistas do país. De natureza rebelde e transgressora, esse cara foi um dos primeiros artistas nacionais a ter sua própria gravadora e controle total de sua carreira. Era do tipo que soltava os bichos quando o som não tinha a qualidade exigida por sua apurada audição. Mas, se estivesse tudo certo, era só chamá-lo que, acompanhado da inseparável Banda Vitória Régia, ele fazia a festa acontecer.

Entra trecho de “W Brasil”: “Eu vou chamar o síndico: Tim Maia! Tim Maia! (só esse trecho mesmo!)”

Paulo César: - Chamamos o síndico e ele veio!
Mais grave! Mais eco! Mais agudo! Mais retorno!
Mais tudo! Estúdio F -Tim Maia está no ar!

Sobe som no trecho: “Tim Maia! Tim Maia!” e corta

Paulo César: - O interesse de Sebastião Rodrigues Maia pela música começou ainda na adolescência, quando morava com a família na Tijuca, bairro carioca onde nasceu em 28 de setembro de 1942. Aos 14 anos, formou o “Tijucanos do Ritmo”, grupo musical no qual assumiu a bateria e os vocais. A experiência foi breve e logo ele trocou as baquetas pelas aulas de violão. Na lanchonete “Divino”, encontrava os amigos, entre eles o velho companheiro de peladas Erasmo, além de Edson Trindade e Arlênio Lívio, que, aliás, fazia supletivo com Roberto Carlos. O então rapaz franzino de Cachoeiro do Itapemirim ocupou a última vaga do “The Sputniks”, outro grupo musical que também teve um fim precoce fundado por Tim em 1957. Apenas doze anos depois, Tim e Roberto voltariam a se encontrar musicalmente, quando o Rei gravou do pai da soul music brasileira o clássico “Não Vou Ficar”.

Entra “Não Vou Ficar” e rola inteira.

Paulo César: - Tim não ficou mesmo no país quando seu pai morreu em fevereiro de 1959, vitimado por um câncer de próstata. Tristíssimo, o artista encontrou nesta perda o motivo que precisava para ir atrás do sonho de tentar a sorte no Estados Unidos. Foram cinco anos na América, enfrentando frio e peregrinando por empregos e lares diferentes até sua deportação para o Brasil em 1964. Mas, apesar das dificuldades, o cantor pôde viver um momento único da cena musical norte-americana. Além de chegar a participar do grupo vocal “The Ideals”, testemunhou a parada de sucessos ser invadida por artistas negros. E também ouviu os primeiros *hits* da legendária gravadora Motown, cujo estilo dos arranjos influenciou os metais do samba-soul sincopado “Meu País”.

Entra “Meu País” e rola inteira.

Paulo César: - A música “Meu País” fez parte do primeiro compacto gravado por Tim Maia e não teve muita repercussão. Era fim dos anos 60 e o cantor tentava a sorte em São Paulo, onde os antigos companheiros da Tijuca brilhavam como a jovem guarda das tardes de domingo da Record. As coisas não iam como Tim esperava. O máximo que conseguia era um bico como backing vocal ou emplacar uma composição no trabalho de algum amigo como “Não Vou Ficar” no LP de Roberto, “Não Quero Nem Saber” no disco de Erasmo e “Você”, balada gravada inicialmente por Eduardo Araújo no disco “A Onda do Boogaloo”.

Entra “Você” e rola inteira.

Paulo César: - A sorte começou a mudar para Tim Maia, quando de volta ao Rio de Janeiro em 1969, ele foi convidado pelo produtor Nelson Motta para fazer uma participação no LP de Elis Regina. A gravação com a “pimentinha” da canção “These Are The Songs” era o impulso artístico e comercial que faltava a carreira musical de Tim. Finalmente, havia chegado a “Primavera”.

Entra “Primavera” e rola inteira.

Paulo César: - Apesar do dueto com Elis Regina, Tim Maia não gostava de fazer participações. Mas excepcionalmente cantou “Além do Horizonte” com Erasmo Carlos, “Um Dia de Domingo” com Gal Costa e “Velho Camarada” com os amigos Fábio e Hyldon. Também a pedidos, interpretou o baião-funk “Formigueiro” num disco de Ivan Lins e emprestou sua voz grave para a música “A Bela e a Fera” do balé “Grande Circo Místico” de Chico Buarque e Edu Lobo. Outra participação marcante foi no disco de uma garota que a imprensa insistia em classificar como o Tim Maia de saias. Recém saída da faculdade de psicologia, Sandra de Sá, que havia encantado o público do MPB 80 com “Demônio Colorido”, demorou a acreditar que seu ídolo havia não só composto uma música para ela como cantariam juntos “Vale Tudo”.

Entra “Vale Tudo” e rola inteira.

Paulo César: - No próximo bloco, Tim Maia lança clássicos, canta a cultura racional e incendeia as pistas de dança.

Locutor: - Estamos apresentando Estúdio F,
Momentos Musicais da Funarte.

I N T E R V A L O

- Insert Chamada Funarte

BLOCO 2

Locutor: - Continuamos com Estúdio F

Entra “Coroné Antônio Bento”, cai em BG e permanece brevemente durante a fala de Paulo César.

Paulo César: - Além de “Primavera” de Rochael e Cassiano, o primeiro LP lançado por Tim Maia em 1970 trouxe outros hits que se tornaram clássicos do seu repertório como, por exemplo, o xaxado-soul “Coroné Antônio Bento” de João do Vale e Luiz Wanderley, “Cristina”, parceria com Carlos Imperial em homenagem a uma bela mulata com o mesmo nome e “Azul da Cor do Mar”, composição feita por Tim inspirado na foto de uma estonteante morena nua com o mar azul do Taiti ao fundo.

Entra “Azul da Cor do Mar” e rola inteira.

Paulo César: - O LPs seguintes de Tim Maia lançados na primeira metade da década de 70 também foram uma verdadeira fábrica de hits que ficaram eternizados no repertório do cantor. São dessa fase clássicos como “Festa do Santo Reis”, “Não Quero Dinheiro”, “Réu Confesso” e a composição “Gostava Tanto de você”, de Edinho Trindade, companheiro de Tim desde o grupo “Tijucanos do Ritmo”.

Entra “Gostava Tanto de Você” e rola inteira.

Paulo César: - Tudo corria normalmente na carreira de Tim Maia até que, em 1975, após a leitura do livro “Universo em Desencanto”, o artista converteu-se à religião de mesmo nome, cuja sede ficava em Belford Roxo, na Baixada Fluminense. Prestes a lançar um LP, o cantor anunciou aos músicos que estava fazendo novas letras para divulgar a verdade libertadora da cultura racional pregada pelo Mestre Manoel Jacintho Coelho – o Racional Superior, sumo sacerdote da seita. Vestido sempre de branco, de cabelo cortado e com a cara limpa, Tim estava firmemente decidido a fazer música de devoção dali pra frente. A primeira canção a ser adaptada a sua nova realidade foi o reggae-soul “Que Beleza” que faz parte do álbum duplo “Tim Maia Racional”, realizado de forma independente pela gravadora “Seroma”, de propriedade do artista.

Entra “Que Beleza” e rola inteira.

Paulo César: - Desiludido com a seita “Universo Desencanto”, Tim Maia substituiu suas convicções religiosas pela preocupação com os problemas da África. Em seu disco seguinte ao álbum Racional, empolgou com o funk-soul “Rodésia”, ao falar de miséria, fome e diáspora negra. Nesse momento, o trabalho de Tim era um dos expoentes do fenômeno musico-comportamental definido como Black Rio pela imprensa carioca. As gravadoras começavam a investir dinheiro na onda black, lançando discos das equipes de som com sucessos internacionais. O público dos bailões ainda rejeitava as sonoridades nacionais, mas a pista enchia quando tocava Tim Maia, mesmo com ele pedindo sossego.

Entra “Sossego” e rola inteira.

Paulo César: - No próximo bloco, Tim Maia canta as praias brasileiras, vira hit de verão e revive antigas paixões.

Locutor: - Estamos apresentando Estúdio F, Momentos Musicais da Funarte.

I N T E R V A L O

- Insert Chamada Funarte

BLOCO 3

Locutor: - Continuamos com Estúdio F

Entra “Acenda o Farol”, cai em BG e permanece brevemente durante a fala de Paulo César.

Paulo César: - “Acenda o Farol” foi, ao lado de “Sossego”, um dos destaques do álbum “Tim Maia Disco Club” lançado em 1978. O LP marca a entrada do cantor na onda disco e também o início da parceria com o tecladista e arranjador Lincoln Olivetti. A discoteca terminou com a chegada dos anos 80, mas o encontro entre Tim e Lincoln se repetiria nos dois discos seguintes. Já em 1981, Tim não só cuidou sozinho dos arranjos, como encarou o desafio de produzir, gravar, prensar, imprimir as capas, promover, distribuir e vender um disco independente no Brasil. Para fazer caixa, realizou um compacto simples com as músicas “Amiga” – de Edinho Trindade e Cleonice – e “Do Leme ao Pontal”, do próprio Tim. Misturando guaraná, suco de caju e goiabada na sobremesa, o *single* vendeu 20 mil cópias e garantiu o dinheiro para a gravação e a primeira prensagem do LP “Nuvens” lançado em 1982.

Entra “Do Leme ao Pontal” e rola inteira.

Paulo César: - A repercussão do disco independente “Nuvens” foi bem aquém do que Tim Maia esperava. Enquanto se recuperava da baixa vendagem, o cantor recebeu da dupla de jovens músicos Gilson Mendonça e Michael a música “Descobridor dos Sete Mares”. A canção era uma espécie de continuação do sucesso “Do Leme ao Pontal”. A viagem pelas praias famosas do Brasil transformou-se na trilha sonora perfeita para o verão de 1983.

Entra “Descobridor dos Sete Mares” e rola inteira.

Paulo César: - Durante a década de 80, Tim Maia continuou a lançar músicas dançantes, mas sem abandonar o romantismo. Assim, ao mesmo tempo em que era capaz de emplacar o carnaval-funk de “Descobridor dos Sete Mares”, também fazia sucesso com baladas como “Me Dê Motivo” e “Leva”, da dupla Sullivan e Massadas, e “Paixão Antiga”, dos irmãos Marcos e Paulo Sérgio Valle. Carro-chefe do LP “Carinhos” lançado em 1988, “Paixão Antiga” é como o canto de Tim: sempre mexe com a gente.

Entra “Paixão Antiga” e rola inteira.

Paulo César: - Paixão antiga de Tim Maia era a Bossa-Nova. Na década de 90, ele fez discos dedicados ao som que o conquistou nos idos de 1958, quando ele era ainda um adolescente na Tijuca. Sob a batuta de Almir Chediak, lançou o CD “Tim Maia interpreta Clássicos da Bossa-Nova”. Esse trabalho foi um dos carros-chefes do *revival* bossa-novista que marcou o verão de 1991, juntamente com os lançamentos do livro “Chega de Saudade” de Ruy Castro e do CD “João” de João Gilberto. Sem perder o suingue, Tim incorporou a suavidade ao vozeirão e deu outra vida a clássicos do gênero como “Eu e a Brisa” de Jhonny Alf.

Entra “Eu e a Brisa” e rola inteira.

Paulo César: - Além de reviver a Bossa-Nova, durante os anos 90, Tim também experimentou a sensação de ser revivido. Teve suas músicas regravadas por artistas como Lulu Santos, Paralamas do Sucesso e Marisa Monte, por exemplo. Seu primeiro álbum ao vivo foi um grande sucesso. E, para aumentar ainda mais sua popularidade, foi homenageado por Jorge Ben na letra de “W Brasil”, um dos grandes hits da época. Foi nessa música que ele ganhou o apelido de síndico. Ao longo da década, Tim ainda gravaria outro disco de bossa nova com Os Cariocas e um CD de versões clássicos do pop e do soul. Em 1998, durante um show no Teatro Municipal de Niterói, o cantor sentiu-se mal, falecendo uma semana depois.

Entra “Não Quero Dinheiro, Eu Só Quero Amar”

Entra música-tema do Estúdio F e fica em BG;

Paulo César: - O programa de hoje foi roteirizado pelo jornalista Cláudio Felício. O Estúdio F é apresentado toda semana pela Rádio Nacional do Rio de Janeiro e nas Rádios Nacional de Brasília e da Amazônia, emissoras EBC - Empresa Brasil de Comunicações. Os programas da série também são uma das atrações do Canal Funarte. Acessem a nossa rádio virtual. O endereço é www.funarte.gov.br/canalfunarte. Cultura ao alcance de um clique! Você também pode ouvir o programa pelo site da Radiobras: www.radiobras.gov.br. Quem quiser pode escrever para nós, o endereço é: Praça Mauá número 7 - 21 andar, Rio de Janeiro - CEP/ 20081-240

Se quiser mandar um e-mail, anota aí:

estudiof@radiobras.gov.br

Paulo César: - Valeu Pessoal!
Até a próxima!!!

ENCERRAMENTO / FICHA TÉCNICA

